

Festival RTP da Canção: Os cinquenta anos do festival eurovisivo português

José Fernando Saroba Monteiro¹
jfmonteiro2@hotmail.com

Resumo: Em 2014 o Festival RTP da Canção chega ao seu cinquentenário. Surgido para escolher uma canção portuguesa para concorrer no Festival Eurovisão da Canção, o festival português tornou-se uma plataforma para o descobrimento e reconhecimento de diversos artistas, além de apresentar canções que hoje são vistas como verdadeiras expressões da alma portuguesa. Mesmo Portugal nunca tendo vencido o Eurovisão, o Festival RTP da Canção continua a ser realizado como uma forma de celebração da música portuguesa e de erguer os ânimos da produção musical em nível nacional.

Palavras-chave: Festival RTP da Canção; Festival Eurovisão da Canção; Música Portuguesa.

Abstract: In 2014, the RTP Song Festival reaches its fiftieth anniversary. Arisen to choose a Portuguese song to compete in the Eurovision Song Contest, the Portuguese festival has become a platform for the discovery and recognition of several artists, as well as to present songs that are seen today as a true expression of the Portuguese soul. Although Portugal has never won the Eurovision, the RTP Song Festival continues to be held as a way to celebrate the Portuguese music and to raise the spirits of music production at national level.

Keywords: RTP Song Festival; Eurovision Song Contest; Portuguese Music.

Introdução

Surgido em 1964 com a finalidade de escolher uma canção para representar Portugal no Festival Eurovisão², o Festival RTP da Canção completa, em 2014, cinquenta anos. Em toda a sua existência, o festival português passou por diversas fases. Nunca, no entanto, Portugal chegou a vencer o Eurovisão, tendo como melhor colocação de sempre um sexto lugar com o tema “O meu Coração não tem Cor” (Pedro Osório/ José Fanha), interpretado por Lúcia Moniz, em 1996. O Festival RTP da Canção, no decorrer de sua história, tem animado a produção nacional e serve de plataforma para novos talentos, novas canções e, com isso, de novos autores. Como nos explica Vasco Hogan Teves:

¹ Licenciado em História pela Universidade de Pernambuco (UPE); Especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Licenciando em Música pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Mestrando em História do Império Português [e-learning] pela Universidade Nova de Lisboa (UNL).

² O Festival Eurovisão da Canção (*Eurovision Song Contest* – ESC), criado em 1956 pela União Europeia de Radiodifusão (UER), foi idealizado por Marcel Bezençon e inspirado no Festival de San Remo (*Festival della Canzone Italiana*), iniciado em 1950, na Itália. *Eurovision* foi o primeiro nome da UER, cunhado pelo tabloide inglês *The Evening Standard*, em 1951. Igual iniciativa ocorreu na Ásia-Pacífico com a criação do Festival ABU da Canção (*ABU TV Song Festival*), em 2012.

O objectivo de chegada ao palco europeu da canção, anualmente proporcionado pela RTP, constitui razão de ser do seu próprio Festival. A principal, claro que sim, mas não a única, já que está aí a grande festa da música de que não é possível prescindir. Por outro lado, o “Festival RTP da Canção” tem revelado dezenas de intérpretes, enquanto outros, não poucos, lhe devem a consagração junto do público. Mas os autores – sempre se diz, mas quase sempre se esquece, que o Festival não é de intérprete mas sim de autores – esses, principalmente, têm encontrado no certame anual da RTP um dos raros motivos que existem entre nós para produzirem e apresentarem publicamente os seus trabalhos. (TEVES, 2007, n.p.)³

É notável a contribuição que fizeram os Festivais RTP da Canção para a música portuguesa em seus vários aspectos. Segundo a *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, organizada por Salwa Castelo-Branco: “Durante as últimas quatro décadas do séc. XX [o Festival RTP da Canção] contribuiu decisivamente para a produção de repertório inédito, concretamente de canções, para a emergência de novos estilos e para a mediatização de intérpretes no âmbito da música ligeira ou da música popular” (CÉSAR; TILLY; CIDRA, 2010, p. 501).

Notamos, portanto, que o Festival RTP da Canção é importante não só para os intérpretes, devido à exposição que encontram nesse festival de repercussão internacional (embora o Festival RTP nunca tenha contribuído de fato para a projeção de artistas portugueses além-fronteiras), mas principalmente para os autores, responsáveis pela criação das canções e que a cada dia se renovam e renovam o festival. E não só isso, o festival movimenta todo um aparato para sua realização que envolve produtores, equipes técnicas, imprensa e tudo que é necessário para sua produção e difusão.

Ademais, o Festival RTP da Canção se volta para a expressão da alma portuguesa, na medida que a canção vencedora tem a incumbência de representar Portugal no Festival Eurovisão, concorrendo com diversas outras nacionalidades. A partir desse momento, procura-se integrar às canções os elementos constituintes que identificam o povo português, seu gosto musical, seus símbolos nacionais, e tudo aquilo que de alguma forma caracterize uma identidade nacional portuguesa, encontradas em referências aos feitos do passado (como às glórias do período da Expansão Marítima Portuguesa), aos mitos (a exemplo da lenda de Brites de Almeida, a padeira da Batalha de Aljubarrota), ao mar, ao pinho, ao milho, ao trigo, ao alecrim, ao cravo vermelho⁴, ao fado e ainda a expressões do folclore português, como o

³ Disponível em: <<http://213.58.135.110/50anos/50Anos/Livro/DecadaDe60/Do2ProgramaALuaEAo/Pag16>>
Acesso em: 19 jan. 2014.

malhão, o vira ou os caretos de Trás-os-Montes. Em outras palavras, as canções que concorrem no festival português procuram falar por seu país.

O Festival RTP da Canção, cuja história não se dissocia da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), teve sua primeira edição em 1964, e, com raríssimas exceções, foi realizado todos os anos até os dias de hoje, algumas vezes, no entanto, sem o intuito de concorrer no Festival Eurovisão, mas apenas para consumo interno. Noutras, optou-se pela não realização do certame. Passaremos agora a conhecer um pouco mais sobre esse festival, que chega agora ao seu cinquentenário.

Breve histórico do Festival RTP da Canção

Em 1964, ainda sob o nome de Grande Prémio TV da Canção Portuguesa (denominação que duraria até 1975), realiza-se o primeiro festival para selecionar uma canção portuguesa para o IX Festival Eurovisão da Canção, a ser realizado em Copenhague, Dinamarca. A canção vencedora foi “Oração” (Francisco Nicholson/ Rogério Bracinha/ João Nobre), interpretada por António Calvário. No Eurovisão, a canção obteria indesejados *nul points*. Era o início do calvário eurovisivo português.

No ano seguinte, outra representante do nacional-cançonetismo, “Sol de Inverno” (Nóbrega e Sousa/ Jerónimo Bragança), interpretada por Simone de Oliveira, foi apresentada. Talvez devido ao seu magnetismo, Simone viria a alcançar 1 ponto naquele Eurovisão de Nápoles, Itália, conquistando a 13ª posição.

Em 1966, o ié-ié “Ele e Ela” (Carlos Canelhas), interpretado por Madalena Iglésias, que se mostrou muito mais extrovertida, repetiu a 13ª posição alcançada no ano anterior.

Outro ié-ié venceu o certame de 1967, “O Vento Mudou” (Nuno Nazareth Fernandes/ João Magalhães Pereira), interpretado por Eduardo Nascimento, cantor de origem angolana que se tornou o primeiro negro a representar Portugal no Eurovisão, uma forma que o regime salazarista encontrou para se mostrar incluso em uma política de integração racial. Ficou em 12º entre os 17 concorrentes.

Já em 1968, foi a vez do *rock* “Verão” (Pedro Correia Vaz Osório/ José Alberto Magro Diogo), interpretado por Carlos Mendes. No entanto, a canção causou grande furor e acabou

⁴ Neste ponto é interessante notarmos que o cravo vermelho não era visto como símbolo nacional até 1974, quando eclodiu a Revolução dos Cravos. A esses casos Eric Hobsbawm e Terence Ranger denominam “tradição inventada”, pertencendo, portanto, a um passado recente. Ver: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, pp. 09-23. Nesse mesmo sentido, Stuart Hall nos mostra que: “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. [...] Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.” (HALL, 2006, p. 47).

não agradando a alguns, sendo duramente criticada⁵. Ficou na 11º colocação entre os 17 países que concorreram.

No ano de 1969, sagrou-se vencedora a canção “Desfolhada” (Nuno Nazareth Fernandes/ José Carlos Ary dos Santos), interpretada por Simone de Oliveira, canção com muito de portuguesa e de grande impacto, alinhada ao “canto de intervenção”⁶. Mesmo com toda expectativa criada em torno da canção, Portugal ficaria apenas com o 15º lugar entre os 16 países candidatos, o que foi considerado uma grande injustiça e levou Portugal a decidir não participar do certame europeu no ano seguinte.

Mesmo se afastando do eurofestival, em 1970, a RTP realiza um festival apenas para consumo interno em que saiu vencedora a canção “Onde vais Rio que Eu Canto” (Carlos Nobrega e Sousa/ Joaquim Pedro Gonçalves), com interpretação de Sérgio Borges.

Visando retornar ao Eurovisão, a RTP realiza em 1971 mais um certame em que venceu a canção “Menina do Alto da Serra” (Nuno Nazareth Fernandes/ José Carlos Ary dos Santos), interpretada por Tonicha. A canção garantiu o 9º lugar em Dublin, Irlanda, melhor colocação de Portugal até então.

Entusiasmada com o resultado do ano anterior, a RTP realiza em 1972 um novo festival, este somente com intérpretes masculinos, vencendo a canção “A Festa da Vida” (José Calvário/ José Niza), interpretada por Carlos Mendes, outra canção alinhada ao “canto de intervenção”, repleta de metáforas contra o regime marcelista, alcançando o 7º lugar e melhorando a posição de Portugal no Eurovisão.

No ano seguinte, vence mais uma canção representante do “canto de intervenção”, “Tourada” (Fernando Tordo/ José Carlos Ary dos Santos), que chegou a receber um veto, mas que depois foi retirado. No festival europeu Fernando Tordo deixou Portugal em 10º lugar entre os 17 concorrentes.

A RTP manteve os ânimos e em 1974, às vésperas do fim da ditadura no país, realizou um novo festival no qual venceu a canção “E Depois do Adeus” (José Calvário/ José Niza), interpretada por Paulo de Carvalho. A canção foi usada como uma das senhas para a Revolução de 25 de Abril, tornando-se uma das mais conhecidas canções portuguesas.⁷ Entretanto, a canção ficou entre os últimos colocados no Eurovisão de Brighton, no Reino Unido, *ex aequo* Noruega, Suíça e Alemanha.

⁵ Ver: ALMEIDA, L. P.; ALMEIDA, J. P.. *Enciclopédia da Música Ligeira Portuguesa*. Lisboa: C. de Leitores, 1998, p. 148.

⁶ Sobre o “canto de intervenção” ver: RAPOSO, E. M.. *Canto de intervenção: 1964-1974*. 3ª ed.. Lisboa: Público, 2007.

⁷ A outra senha do 25 de Abril foi “Grândola, Vila Morena” (José Afonso), canção inspirada no cante alentejano. Ver: AFONSO, José. *Cantigas do Maio*. Orfeu, 1971.

Com o fim da ditadura no país, as canções tonaram-se mais diretas, a exemplo da vencedora de 1975, “Madrugada” (José Luís Tinoco), interpretada por Duarte Mendes (um dos capitães do 25 de Abril), canção cujo teor revolucionário também pode ter pesado na decisão dos jurados. Entretanto, no Eurovisão de Estocolmo, Suécia, a canção obteve apenas o 16º lugar entre 19 concorrentes.

Em 1976, com Portugal ainda se reestruturando sob o novo regime democrático, o festival ganha outro nome, “Uma Canção para Europa”. Todas as oito canções concorrentes foram interpretadas por Carlos do Carmo (renomado fadista), sagrando-se vencedora a canção “Uma Flor de Verde Pinho” (José Niza/ Manuel Alegre). Foi por muitos considerado o melhor festival de sempre promovido pela RTP. Entretanto, no Eurovisão Carlos do Carmo alcançou apenas o 12º lugar.

No ano seguinte, insatisfeita com os resultados anteriores, a RTP realiza o festival sob o nome de “As Sete Canções”, mudando o sistema de seleção, agora seriam apresentadas sete canções em duas versões cada uma. Saiu campeã a versão A da canção “Portugal no Coração” (Fernando Tordo/ José Carlos Ary dos Santos), interpretada por Os Amigos, mas que no Eurovisão só obteve o 14º lugar.

Já em 1978, o festival foi realizado sob o nome de “Uma Canção Portuguesa”. Foi a vez da afirmação do novo *pop* português e do *playback* instrumental. Venceu a canção “Dai li Dou” (Victor Mamede/ Carlos Quintas), interpretada pelo grupo Gemini, uma canção dançante, mas que no Eurovisão chegou somente ao 17º lugar entre os 20 países candidatos.

No ano de 1979, o festival recebe seu nome definitivo, Festival RTP da Canção. Ocorre uma volta da orquestra e há também mudanças na forma de seleção, sendo realizadas três semifinais. Saiu vencedora a canção “Sobe, Sobe, Balão Sobe” (Carlos Nóbrega e Sousa), interpretada por Manuela Bravo, ajudando Portugal a conquistar o 9º lugar no Eurovisão de Jerusalém, em Israel. Foi um período áureo, pois boa parte da população parava em frente ao ecrã para assistir ao festival.

No ano seguinte, ocorre a primeira transmissão televisiva regular em cores de Portugal, sendo justamente o Festival RTP da Canção a programação escolhida para essa transmissão pioneira. A campeã desse ano foi a canção “Um Grande, Grande Amor” (José Cid), interpretada pelo próprio autor. “Foi a primeira vez que a canção portuguesa incluiu palavras de outras línguas (inglês, francês, italiano e alemão) em sua letra” (NEVES, 2011, p. 104), fato que pode ter auxiliado na conquista do 7º lugar no Eurovisão.

Em 1981, mesmo com o sucesso do ano anterior, o festival volta ao formato antigo e é realizado em um único dia. Saiu vencedora a canção “Playback” (Carlos Paião), interpretada

por pelo próprio autor. No Eurovisão daquele ano Portugal ficou com a penúltima posição, entre os 20 concorrentes.

No XIX Festival RTP da Canção, realizado em 1982, saiu campeã a canção “Bem Bom” (António Pinho, Pedro Brito, Tozé Brito), interpretada pelo grupo Doce, que pode ser considerada uma das primeiras *girl bands* do mundo, mas que no Eurovisão ficou apenas com o 13º lugar.

Em 1983, o festival realiza-se no Coliseu do Porto, o primeiro a ser realizado fora de Lisboa. Escrita e interpretada por Armando Gama, sagrou-se vencedora a canção “Esta Balada que te Dou”, que ficou também com o 13º lugar, no Eurovisão de Munique, Alemanha.

Outra balada a representar Portugal no festival europeu foi “Silêncio e Tanta Gente” (Maria Guinot) (hoje um clássico da música portuguesa), interpretada pela autora, que se apresentou no Eurovisão somente ao piano e acompanhada de uma corista, alcançando o 14º lugar.

Já em 1985, venceu a canção “Penso em Ti (Eu Sei)” (Tozé Brito/ Luis Fernando/ Adelaide Ferreira), interpretada por Adelaide Ferreira, que mesmo apesar da excelente participação (Adelaide chegou a terminar a apresentação de joelhos) e de todas as expectativas, ficou com o penúltimo lugar entre os 19 países concorrentes naquele Eurovisão de Gotemburgo, na Suécia.

Pondo fim ao ciclo das baladas, em 1986 a vencedora foi uma canção bem dançante, em sintonia com o *pop* britânico em voga no período, “Não Sejas Mau p’ra Mim” (Guilherme Ines/ Zé da Ponte/ e Luis Oliveira), interpretada por Dora, que atingiu o 14º lugar no Eurovisão de Bergen.

O festival de 1987 foi realizado no Cassino Park Funchal. Para diminuir os gastos, a RTP restringiu o festival a seis canções, saindo campeã “Neste Barco à Vela” (João Mendes/ Alfredo Azinheira), interpretada pelo duo Nevada, alcançando o 18º lugar no Eurovisão daquele ano.

Em 1988, realiza-se a “I Selecção Interna para o Eurofestival”, contando com uma pré-selecção com o nome de “Prémio Nacional de Música”, realizada no Cassino da Figueira da Foz. A grande vencedora foi a canção “Déjà Vu” (Zé da Ponte/ Guilherme Inês/ Luís Oliveira), interpretada por Dora, que ficou apenas com o 18º lugar no Eurovisão, realizado novamente em Dublin.

Voltando a uma selecção regular, em 1989, sagrou-se vencedora a canção “Conquistador” (Ricardo/ Pedro Luís), interpretada pela banda Da Vinci, uma canção que reportava ao período dos Descobrimentos e das grandes navegações. Entretanto, no Eurovisão

daquele ano, realizado em Lausanne, Suíça, os Da Vinci conquistaram apenas o 16º lugar, entre os 22 países que concorreram.

No ano seguinte, saiu campeã a canção “Sempre (Há Sempre Alguém)” (Luis Felipe/ Jan Van Dijck/ Francisco Teotónio Pereira/ Frederico Teotónio Pereira), interpretada por Nucha, que representou Portugal no Eurovisão de Zagreb, (Croácia) ex-Iugoslávia, alcançando apenas o 20º lugar.

Em 1991, venceu a canção “Lusitana Paixão” (Fred Micael/ Zé da Ponte/ Jorge Quintela), interpretada por Dulce Pontes, canção que falava sobre o fado e que foi interpretada de forma ímpar no Eurovisão de Roma, Itália, garantindo para Portugal o 8º lugar, o melhor resultado desde 1980.

Devido ao sucesso alcançado no ano anterior, a RTP realizou em 1992 um festival com cinco semifinais. A vencedora foi a canção “Amor d’Água Fresca” (Dina/ Rosa Lobato de Faria), interpretada por Dina, que representou Portugal no Eurovisão de Malmö, alcançando o 17º lugar.

O formato com cinco semifinais foi repetido em 1993, sagrando-se vencedora a canção “A Cidade (Até ser Dia)” (Pedro Abrantes/ Marco Quelhas/ Paulo da Costa), interpretada por Anabela, então com apenas 16 anos, mas já com alguma experiência em grandes festivais. No Eurovisão de Millstreet, na Irlanda, Anabela alcançou o 10º lugar entre os 25 concorrentes.

Em 1994, a vencedora foi a canção “Chamar a Música” (João Carlos Mota Oliveira/ Rosa Lobato de Faria), interpretada por Sara Tavares, jovem de ascendência cabo-verdiana, que contava apenas 16 anos. A canção arrebatou todos os prêmios que estavam a concurso (intérprete, letra, orquestração) e recebeu o máximo de pontos de todos os 22 distritos que compunham o júri nacional. Em Dublin, Sara Tavares, que se tornou a primeira negra (e até hoje a única) a representar Portugal no Eurovisão, teve chances inclusive de vencer o festival, mas terminou com o 8º lugar.

A RTP, entusiasmada com os sucessos consecutivos nos dois anos anteriores, realizou em 1995 um novo festival em que saiu vencedora a canção “Baunilha e Chocolate” (António Vitorino de Almeida/ Rosa Lobato de Fria), interpretada por Tó Cruz (assim como Sara Tavares, de ascendência cabo-verdiana). A canção falava sobre questões como a mestiçagem e a aceitação racial. Entretanto, no Eurovisão daquele ano, Portugal alcançou apenas o 21º lugar entre os 23 candidatos.

No ano seguinte, sagrou-se vencedora a canção “O meu Coração não tem Cor” (Pedro Osório/ José Fanha), interpretada por Lúcia Moniz. Segundo a imprensa, “O tom ‘corridinho’ e ‘saltadinho’ de raiz popular portuguesa, assim como o tropical sabor ‘de figo de papaia e

guaraná’ terá convencido o júri.” (*Público*, nº 2190, 09 mar. 1996: 28⁸). Com esta canção, Portugal alcançaria sua melhor colocação de sempre no Eurovisão, o 6º lugar entre os 23 países que concorreram em Oslo, na Noruega.

Apesar do enorme sucesso em 1996, segue-se uma derrocada. A canção vencedora do festival português de 1997, “Antes do Adeus” (Thilo Krasmann/ Rosa Lobato de Faria), interpretada por Célia Lawson, terminou o Eurovisão dividindo o último lugar com a Noruega, com *nul points*.

No ano seguinte, com a canção “Se Eu Te Pudessem Abraçar” (José Cid), interpretada pelo grupo Alma Lusa, Portugal voltaria a alcançar uma melhor colocação, o 12º lugar entre os 25 concorrentes.

Em 1999, saiu vencedora a canção “Como Tudo Começou” (Jorge do Carmo/ Tó Andrade), interpretada por Rui Bandeira, que naquele Eurovisão de Jerusalém, ficou apenas com o 21º lugar.

No ano de 2000, devido ao aumento de países querendo participar do Eurovisão, a UER decidiu que os países com baixa pontuação nos últimos três anos ficariam de fora, Portugal, então, não participou. Mas, ainda assim, a RTP realizou um festival nacional, onde saiu vencedora a canção “Sonhos Mágicos” (Maria da Conceição Norte/ Gerardo Rodrigues), interpretada por Liana.

Portugal, por não ter participado no ano anterior, ganhou o direito de ter um representante no Eurovisão de 2001. Nesse ano venceu a canção “Só Sei ser Feliz Assim” (Marco Quelhas), interpretada pelo duo MTM, que no Eurovisão alcançaram o 17º lugar. Os integrantes do MTM (sigla com as iniciais de Marco, Tony e Música) apresentaram-se vestindo ternos de cor oposta ao de sua pele, branco para Tony e preto para Marco, talvez dando mostras de um Portugal mais integrado etnicamente.

Decepcionada com os maus resultados, a RTP decidiu por conta própria não participar do Eurovisão de 2002, e nem mesmo foi realizado um certame nacional.

Já em 2003 o Festival RTP da Canção foi realizado em conjunto com o *reality show* musical *Operação Triunfo*. Rita Guerra foi indicada para interpretar as três canções concorrentes, entre as quais saiu vencedora “Deixa-me Sonhar (Só Mais Uma Vez)” (Paulo Tomé Martins da Encarnação), com 75% dos votos, apurados através do televoto (ligações telefônicas e SMS). Com uma versão da canção tendo os últimos versos cantados em inglês, Rita Guerra obteve apenas o 22º lugar em Riga, na Letônia.

Em 2004, ano em que a UER implantou um sistema de semifinal e final no Eurovisão, o Festival RTP da Canção foi novamente realizado em conjunto com o programa de caça-

⁸ Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/FESTIVAL/FestivaldaCancao_1996.htm> Acesso em. 09 fev. 2014.

talentos *Operação Triunfo*. “A RTP entregou uma canção a cada um dos 3 vencedores da Operação Triunfo 2 e colocou nas mãos dos portugueses a decisão.” (*Festivais da Canção [online]*⁹). Saiu campeã a canção “Foi Magia” (Paulo Neves), conferindo o direito de Sofia Vitória representar Portugal no Eurovisão de Istambul, na Turquia, onde acabou ficando pela semifinal, em 15º lugar entre os 22 concorrentes.

Visando o corte de gastos, a RTP realizou em 2005 a “II Selecção Interna para o Eurofestival”, de modo que foi apresentada uma única canção, bilíngue, cantada em português e em inglês, intitulada “Amar” (Alexandre Honrado/ Ernesto Leite/ José da Ponte), interpretada pelo duo 2B. Em Kiev, na Ucrânia, o duo foi eliminado na semifinal, ficando com o 17º lugar entre os 25 países concorrentes.

Na edição de 2006 saiu campeã a canção “Coisas de Nada” (José Manuel Afonso/ Elvis Veiguinha), interpretada pelo grupo Nonstop. No Eurovisão de Atenas, Grécia, o *girl group* não fez uma boa apresentação, ficando pela semifinal, em 19º lugar entre os 23 concorrentes.

Já em 2007, venceu a canção “Dança Comigo (Vem ser Feliz)” (Emanuel/ Tó Maria Vinhas), interpretada por Sabrina. A canção foi eliminada já na semifinal do Eurovisão, em 11º lugar.

No ano de 2008, cria-se novamente grande expectativa em torno da canção vencedora, “Senhora do Mar (Negras Águas)” (Carlos Coelho/ Adrej Babič), interpretada por Vânia Fernandes. E a canção correspondeu às expectativas, levando Portugal à final daquele Eurovisão de Belgrado, na Sérvia. Na final, entretanto, Vânia alcançou apenas o 13º lugar, entre os 25 países concorrentes.

No ano seguinte, entre as 12 concorrentes, a canção vencedora foi “Todas as Ruas do Amor” (Pedro Marques/ Paulo Pereira), interpretada pelo grupo Flor-de-Lis. Os Flor-de-Lis passaram da semifinal do Eurovisão de Moscou, Rússia, em oitavo lugar. Na final, no entanto, apesar de o grupo se mostrar muito bem integrado, a canção ficou apenas com o 15º lugar.

Em 2010, o festival iniciou com uma pré-selecção das canções pela internet que contou com 30 canções, escolhidas entre os 420 originais recebidos. Seguiu-se a essa fase duas semifinais, onde terminou vencendo a canção “Há Dias Assim” (Augusto Madureira), interpretada por Filipa Azevedo que levou Portugal novamente à final do Eurovisão, onde, no entanto, ficou com o 18º lugar.

Com o agravamento da crise econômica em Portugal, a RTP decidiu realizar em 2011 o festival em um formato mais simples, de modo que foi feita uma pré-selecção pela internet, em que os cibernautas puderam votar em 24 canções, entre as quais classificavam-se 12

⁹ Disponível em: <<http://festival04.no.sapo.pt/>> Acesso em: 27 set. 2013.

canções para a final. Venceu a canção “A Luta é Alegria” (Nuno Duarte/ Vasco Duarte), interpretada pelo grupo Homens da Luta, grupo musical que parodia os “cantos de intervenção” do período revolucionário. No Eurovisão os Homens da Luta não agradaram e receberam muitas vaias, o que já havia ocorrido no próprio Festival da RTP, quando foram anunciados vencedores. Comentou-se que os Homens da Luta representavam bem a insatisfação da população ante a crise econômica que se abatia sobre Portugal, mas parece que o tom cômico da apresentação pesou para que ocorresse as vaias, despertando a insatisfação dos portugueses e do público eurovisivo. O grupo foi eliminado na semifinal do Eurovisão.

Já em 2012, o tema do festival foi o fado, que havia se tornado Patrimônio da Humanidade em 2011, de modo que todas as canções fizeram menção ao gênero. A vencedora, “Vida Minha” (Carlos Coelho/ Andrej Babič), interpretada por Filipa Sousa, tinha mesmo ares de fado, incorporando guitarra portuguesa e acordeão, mas com arranjos modernos incluindo *samplers* e *loops* rítmicos. No Eurovisão de Baku, Azerbaijão, acabou ficando com o 13º lugar na semifinal que participou, não conseguindo, portanto, passar para a final.

No ano de 2013, por motivos econômicos, Portugal não participou do Eurovisão.

Em 2014, comemoram-se os cinquenta anos do Festival RTP da Canção. A canção vencedora foi “Quero Ser Tua (Como a Lua é do Luar)” (Emanuel), interpretada por Suzy, ganhando o direito de representar Portugal no Eurovisão de Copenhague, na Dinamarca, exatamente onde Portugal teve sua primeira participação cinquenta anos antes. Mas a canção ficou apenas com o 12º lugar entre os 16 concorrentes da semifinal que participou.

Discussão

O *leitmotiv* da criação do Festival RTP da Canção foi a participação no Eurovisão; a criação do Eurovisão, por sua vez, era fazer concorrer canções dos vários países europeus, o que foi uma grande iniciativa, como nos mostra Terry Wogan: “The Eurovision Song Contest is a truly wonderful idea, which doesn’t bear the most casual inspection. How can anybody imagine that a Turkish jury can judge a Swedish song? How does a Croatian assess a Portuguese fado? Now, if everyone sung English... there’s the rub.” (WOGAN *apud* GAMBACCINI, 1998, p. 7-8). Entretanto, ao longo do tempo, o festival eurovisivo passou por muitas mudanças; hoje, por exemplo, concorrem também países da África e da Ásia. Segundo Ivan Raykoff e Robert Deam Tobin:

With the fall of the Berlin Wall in 1989 and the European Union’s eastward expansion in 2004, as well as the recent challenges to ratifying a new EU constitution, the perennial question of a shared European cultural identity

arises again. Eurovision, founded as Europe was similarly refashioning itself in the aftermath of World War II, provides one context for re-examining the definition of ‘Europe’ and notions of European identity in the new century. Modernity characterizes the ideal of post-war Europe to which the Eurovision Song Contest provides literal and figurative access: a society that is democratic, capitalist, peace-loving, multicultural, sexually liberated and technologically advanced. (RAYKOFF; TOBIN, 2007, p. xviii).

Dessa forma, como já mencionamos, o Festival Eurovisão surge como um lugar (*locus*) onde os diversos países expressam sua cultura e identidade, expondo diferenças e semelhanças. Trata-se de um espaço heterogêneo, capaz de associar diferentes realidades, ainda que incompatíveis, fenômeno ao qual Michel Foucault chama de heterotopia¹⁰. É nesse contexto que é criado o Festival RTP da Canção, como uma forma de integrar Portugal a essa realidade europeia dentro, é claro, de uma perspectiva competitiva¹¹.

Outra questão a ser debatida no contexto do eurofestival é aquela referente à diversidade, em especial, à etnia e ao gênero. Portugal suscitou questões interétnicas por diversas vezes, começando em 1967, com Eduardo Nascimento (primeiro cantor negro a pisar o palco do Eurovisão¹²), mas também nas apresentações de Os Amigos (1977 – que chegava a se desculpar pelas mortes causadas a tantos africanos durante as Guerras Coloniais), Sara Tavares (1994), Tó Cruz (1995), Lúcia Moniz (1996) e MTM (2001). Essa é uma forma de a Europa mostrar-se mais integrada etnicamente e mais tolerante com relação às questões que tangem a alteridade. Em 2014, por exemplo, Portugal levou um percussionista negro ao palco e nesse mesmo certame, o Eurovisão teve um negro representando a Hungria (que terminou em 5º lugar) e outros dois negros, ao lado de brancos, representando a Grécia e a França. A canção polaca foi vista por alguns como difusora do pan-eslavismo, mas por outros como uma ótima sátira para defender a Polônia da xenofobia.

Mas quem realmente causou polêmica na edição de 2014 foi Conchita Wurst, da Áustria, uma *drag* (com barba) que terminou por vencer o festival, o que trouxe à tona

¹⁰ Ver: FOUCAULT, Michel. De outros espaços. Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d’Études Architecturales, em 14 de Março de 1967, Publicado em *Architecture, Movement, Continuité*, nº 5, 1984, n. p., Tradução de Pedro Moura.

¹¹ Zuza Homem de Mello, conceitua os festivais de duas formas diferentes, os não-competitivos e os competitivos, no nosso caso aplica-se a segunda opção. Ver: MELLO, José Eduardo (Zuza) Homem de. *A Era dos Festivais*. São Paulo: Ed. 34, 2003, pp. 13-14.

¹² A primeira cantora negra no Eurovisão foi Milly Scott, que representou os Países Baixos, em 1966, já a primeira apresentadora negra foi Haddy N’jie, na edição de 2010, em Oslo, Noruega. Não houve ainda um apresentador negro. Já o primeiro negro a vencer o Eurovisão (e também o intérprete mais velho a o fazer, aos 50 anos) foi Dave Benton (ao lado de Tanel Padar e da banda 2XL), em 2001, representando a Estônia (primeiro país da ex-URSS a vencer o certame).

discussões sobre tolerância e liberdade na Europa atual (semelhante ao caso de 1998, quando a transsexual Dana International, representante de Israel, venceu o certame).

O que não foi tolerado, mesmo em 2014, foi a celeuma iniciada entre Rússia e Ucrânia, devido à posse da região da Criméia, revertendo-se nas vaias recebidas pelas representantes russas, apesar de sua ótima apresentação, episódio parecido ao ocorrido na primeira participação portuguesa, em 1964, em que a política salazarista fez com que a canção e o cantor portugueses fossem recebidos friamente, sob assobios.

Embora Portugal seja o país que mais vezes concorreu na história do Festival Eurovisão, nunca conseguiu vencer o certame (igualmente a países como Malta, Chipre e Islândia). Mesmo com os dados de nossa pesquisa (apesar da escassa bibliografia acerca do tema), fica difícil saber os motivos de isso ocorrer, pois mesmo quando se criaram grandes expectativas o resultado nem sempre veio a ser dos melhores.

Segundo um estudo recente realizado pelo professor Jorge Mangorrinha (a ser publicado em breve), junto à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, para apurar as causas de Portugal nunca ter vencido o Festival Eurovisão, o motivo dos insucessos é que: “Nunca houve enquadramento político e financeiro para potenciar a exportação da imagem de Portugal a nível internacional” (*Diário Digital [online]*, 29 jan. 2014). Dessa forma, o que faltou até hoje foram aparatos de produção e divulgação das canções portuguesas que permitissem sua aceitação frente ao público europeu. O professor completa que: “‘(...) para ganhar o concurso, havia que promover poderosamente uma canção, organizar cocktails, distribuir pastas pejudadas de informação e negociar entre delegações’ [...], manifestar vontade de organizar uma edição do festival, o que ‘podia ter sido uma oportunidade de assumir um papel significativo para a música portuguesa e para um impulso turístico’”. (*Diário Digital [online]*, 29 jan. 2014).

A rejeição às canções portuguesas estaria também relacionada às primeiras apresentações no Eurovisão, quando se procurava melhorar a imagem externa do Estado Novo, o que não produziu efeito, sendo que já em 1964 um homem entrou no palco “[...] carrying a banner bearing the legend ‘Boycott Franco and Salazar’, referring to the dictators governing Spain and Portugal at the time” (O’CONNOR, 2010, p. 24). O estudo declara ainda que se perde a oportunidade de articulação com o setor turístico do Estado e deixa-se de divulgar a participação portuguesa na mídia (rádio, televisão, internet), o que poderia atingir mil milhões de espectadores, mesmo número de turistas em todo o mundo. Para Mangorrinha, deve haver um trabalho em conjunto dos setores público e privado, para despertar a atenção estrangeira para os atributos dos produtos nacionais, que, por sua vez, promoverá “uma

crecente procura turística e interesse pela música portuguesa.” (*Diário Digital [online]*, 29 jan. 2014).

Talvez a crise econômica que se abateu sobre Portugal, a partir de 2010-2011, impeça que se tomem medidas imediatas. Todavia, Mauro Neves nos lembra que uma grande crise se abateu também sobre a Grécia e que isso não impediu que o país alcançasse bons resultados no Eurovisão. Neves também concorda que a falta de produção das representações portuguesas tem pesado na conquista de boas colocações, mas acrescenta que “[...] a causa principal do fracasso português poderia ser por um lado ignorar o gosto fora das fronteiras nacionais e por outro não se fazer representar bem no contexto europeu.” (NEVES, *op. cit.*, p. 126). A visão de Neves é compartilhada por Nuno Nazareth Fernandes, que diz:

O que é que se entende por Festival Eurovisão da Canção? E o que é que se entende por um Festival RTP da Canção? Porque são duas realidades completamente diferentes, que eu acho que em Portugal nunca se percebeu isso e nunca se distinguiu isso. Uma canção que é feita para agradar um júri de seleção, depois um júri nacional português, depois um júri internacional, dá sempre um híbrido esquisito. (Festival RTP da Canção, *Programa A Voz do Cidadão*, RTP, 15/03/14)¹³.

Em entrevista recente, Salwa Castelo-Branco afirma que: “Desde que Portugal entrou na Comunidade Europeia houve uma reação no sentido de voltar às raízes, de saber quem somos, de procurar o que nos distingue” (CASTELO-BRANCO apud LOPES, *Público*, 30 dez. 2013). No entanto, segundo Neves, “[...] parece ser uma dificuldade da política cultural portuguesa como um todo, a de não saber vender bem o seu produto fora das fronteiras nacionais” (NEVES, *op. cit.*, p. 126). Não obstante, parece haver mais canções compostas para o consumo interno do que especificamente para o certame europeu, ou que assimilem elementos exógenos visando agradar o público do Eurovisão e, também segundo Castelo-Branco: “Essa abertura que o mundo permite hoje e o acesso a sonoridades, ideias, linguagens e artefactos é algo que enriquece e não esmaga necessariamente” (CASTELO-BRANCO apud LOPES, *Público*, 30 dez. 2013).

Mas o aparente fechamento português parece correto, afinal, o Festival RTP da Canção deve servir primeiramente como uma forma de expressão portuguesa, animar a produção de música nacional e mesmo que tenha como principal intuito a escolha de uma

¹³ Sobre o hibridismo Néstor García Canclini demonstra que “[...] o popular é constituído por processos híbridos e complexos [...]” (CANCLINI, 2008, p. 220-221). Peter Burke ainda mostra que: “A preocupação com este assunto é natural em um período como o nosso, marcado por encontros culturais cada vez mais frequentes e intensos. A globalização cultural envolve hibridização. Por mais que reajamos a ela, não conseguimos nos livrar da tendência global para mistura e a hibridização [...]” (BURKE, 2006, p. 14).

canção para o Eurovisão, não deve abrir mão da manutenção de sua tradição e de sua identidade na composição das canções, ainda mais levando-se em consideração que o Eurovisão tem no ecletismo e na pluralidade dos países concorrentes um grande fator de atração.

Sabe-se que outro fator que talvez tenha influência na aceitação do público eurovisivo é o idioma. A maioria dos países apresenta suas canções em inglês, sendo Portugal uma das poucas exceções (o que Mauro Neves vê de forma positiva do ponto de vista cultural). Mas mesmo quando Portugal recorreu a outras línguas, o inglês em especial, o resultado também não foi satisfatório. Embora a língua portuguesa já tenha sido apontada como o melhor idioma para se produzir canções, o português lusitano (não discutiremos sobre a melodia de nenhuma língua) parece não ter tanta aceitação entre o público europeu.

Ainda é relevante constatar que a votação no Festival Eurovisão da Canção depende muito do público. Nenhum espectador pode votar em sua canção preferida de dentro do país que a canção representa, e os votos ficam a cargo da simpatia que as canções despertam, das diásporas de cada país (que no caso de Portugal, apesar de ser considerável, não se compara com as participações da Grécia ou da Turquia e muito menos com a da Rússia, por exemplo), ou dos votos de vizinhança ou políticos (nesse caso, Portugal só poderia trocar votos com a Espanha, o que nem sempre é recíproco).

Conclusão

O caso é que canções primorosas que estiveram a concurso chegaram a ser classificadas nas últimas colocações. Se o caso fosse a personalidade musical, Portugal teria melhores colocações quando as canções chegaram mais perto de expressar a alma portuguesa, o que nem sempre veio a ocorrer. Mauro Neves chega a sugerir que se leve um fado ao Eurovisão, mas como o próprio Neves afirma, linhas antes: “O principal reflexo dessa falta de tato [o conhecimento do gosto europeu], ou mesmo de política, de investir no sucesso anterior, vem a ser o abandonar características portuguesas por completo ou especificá-las demais.” (NEVES, *op. cit.*, p. 126). Neves ainda aponta outras possíveis soluções para Portugal vencer o festival europeu: “[...] o país precisaria realizar uma seleção nacional que tivesse um sistema de votação melhor estruturado para que nomes artísticos de peso resolvessem voltar a participar [...] ou fazer como muitos países já o fazem: escolher internamente um grande nome do cenário português e realizar um programa seletivo da canção.” (NEVES, *op. cit.*, p. 127).

Vimos que o Festival Eurovisão se modificou ao longo do tempo, se ampliou e modernizou, e exige que os concorrentes acompanhem estas mudanças. Segundo Néstor García Canclini, “A globalização, que acirra a concorrência internacional e desestrutura a produção cultural endógena, favorece a expansão de indústrias culturais com capacidade de homogeneizar e ao mesmo tempo contemplar de forma articulada as diversidades setoriais e regionais” (CANCLINI, 2007, p. 22). Desse modo, no mundo globalizado da atualidade (que permite que o eurofestival seja um dos espetáculos mais assistidos no mundo, mesmo fora da Europa), as canções caminham para agradar um público cada vez maior, e mais exigente.

Algumas vezes suprime-se nas canções a ideia de representação da identidade nacional em prol de uma novidade ou de algo que conquiste o público, ou ainda se associa a cultura local com elementos globais (“glocal”), aproximando-se da chamada *world music*. Nesse sentido, Portugal ganha a dianteira, pois permanece na maioria das vezes apresentando nas canções concorrentes, traços de sua nacionalidade e identidade cultural. Talvez só falte mesmo, para Portugal, acompanhar as tendências europeias e buscar uma forma de modernizar-se, sem perder suas raízes e tradição, pois com essa fórmula já conseguiu bons resultados (ex. 1971, 1991, 1996, 2008, 2009), mas não que essa seja uma garantia de vitória (ex. 1969, 1976, 2012).

Portugal deve sim reconhecer que a expressão de sua identidade também está concorrendo e imprimi-la sem perder de vista o que está em voga, acompanhando-se, é claro, dos aparatos e produção que o certame eurovisivo requer. É como nos fala o professor Jorge Mangorrinha, em artigo referente à volta de Portugal ao Eurovisão em 2014:

O Festival Eurovisão da Canção é um jogo, que congrega diversas realidades culturais, econômicas e políticas. Mas, ainda assim, importa favorecer novas formas de expressão e permitir que várias correntes concorram com base noutros conceitos que não os que se relacionam com meros intuitos de ganhar para vender. Antes, foi a afirmação da identidade europeia, por parte dos países ocidentais. Agora, assiste-se ao entusiasmo a leste, cujos países transformam este certame anual num espaço da sua afirmação de identidade, partilhando afinidades. A Europa mudou! Regressar tem de ser visto como um contributo de Portugal para esta rede, constituída por realidades novas relativamente aos marcos conceptuais sobre o que significa a Europa como área geográfica de fluxos multidirecionais de ideias e parcerias. Hoje, “ser europeu” significa combinar o multiculturalismo com o europeísmo, rumo a uma identidade pan-europeia. Portugal pode ter uma palavra a dizer. (MANGORRINHA, 2013).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luís Pinheiro de; ALMEIDA, João Pinheiro de. *Enciclopédia da Música Ligeira Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2006.
- CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- _____. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CÉSAR, António João; TILLY, António; CIDRA, Rui, *Festival RTP da Canção (FRTPC)*. In: CASTELO-BRANCO, Salwa (org.). *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*. vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010, pp. 501-504.
- “*Estudo identifica falhas na promoção de Portugal através do Festival da Canção*”. (*Diário Digital [Online]*, 29 jan. 2014). Disponível em: <http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=682259> Acesso em: 30 jan. 2014.
- Festivais da Canção*. Disponível em: <<http://festivais.home.sapo.pt>>. Acesso em 20 set. 2013.
- Festival RTP da Canção*. Programa A Voz do Cidadão, RTP, 15/03/14.
- FOUCAULT, Michel. *De outros espaços*. Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967, Publicado em *Architecture, Movement, Continuité*, nº 5, 1984, n. p., Tradução de Pedro Moura.
- GAMBACCINI, Paul (et al.). *The Complete Eurovision Song Contest Companion*. London: Pavilion Books, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- Hemeroteca Digital* (Hemeroteca Municipal de Lisboa), Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/index.htm>>. Acesso em 31 jan. 2014.
- HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- LOPES, Mário. Salwa Castelo-Branco, mulher de música, senhora Etnomusicologia. In: *Público*, 30 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/salwa-castelobranco-mulher-de-musica-senhora-etnomusicologia-1617872?page=-1>> Acesso em: 15 jul. 2014.
- “*Lúcia Moniz venceu o festival: Corações desbotados*”. *Público*, nº 2190, 09 mar. 1996. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/FESTIVAL/FestivaldaCancao_1996.htm>. Acesso em 09 fev. 2014
- MANGORRINHA, Jorge, “*Como é que se faz uma cantiga para a Eurovisão?*”, *Diário de Notícias [Online]*, 28 dez. 2013. Disponível em: <http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=3607062&seccao=Convidados> Acesso em: 30 jan. 2014.
- MELLO, José Eduardo (Zuza) Homem de. *A Era dos Festivais*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- NEVES, Mauro. O fracasso português: Por que Portugal nunca conseguiu vencer o Eurovisão?, *Bulletin of the Faculty of Foreign Studies*, Sophia University, nº 46, 2011, p. 91-128.
- O’CONNOR, J. K. *The Eurovision Song Contest: The Official History*. London: Carlton Books, 2010.
- RAPOSO, E. M.. *Canto de intervenção: 1964-1974*. 3. ed. Lisboa: Público, 2007.
- RAYKOFF, Ivan; TOBIN, Robert Deam. *A Song for Europe: Popular Music and Politics in the Eurovision Song Contest*. Hampshire: Ashgate, 2007.

TEVES, Vasco Hogan, *RTP: 50 anos de história*. Prólogo de António Barreto. Versão Digital, 2007. Disponível em: <<http://ww2.rtp.pt/50anos/50Anos/Livro/>>. Acesso em 17 nov. 2013.